

Uma imagem

Melina Aurora Terra Ferreira

*"[...]Não percebiam, porém, que,
ao negarem a mim a condição de educador,
por ser demasiado político,
eram tão políticos quanto eu.
Certamente, contudo, numa posição contrária à minha.
Neutros é que nem eram nem poderiam ser."
(Paulo Freire)*

Professora, sim; educadora, não?

"Graças a Deus!", gritou uma voz vinda do fundo da sala de aula.

Era a de um estudante do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual. Sua reação se dera logo após a revelação de um dado estatístico que reiterava o processo de expulsão sofrido pela população transgênera das escolas, e, conseqüentemente, das universidades e do mercado de trabalho formal, no Brasil.

Berenice Bento (2001) e a fala desse estudante nos revelam que a escola se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com as diferenças de gênero e sexualidade. Sendo, portanto, limitador falarmos em "evasão escolar", quando, primeiramente, "crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil", e quando o próprio termo "evasão" escamoteia as causas dessa expulsão: a intolerância alimentada pela transfobia e pela homofobia.

Frente à manifestação do estudante que elevou ao status de dádiva a exclusão e a privação de direitos daquele/a que é produzido/a socialmente como o "outro", e que (sobre)vive no país onde mais se registra assassinatos, nesse caso, contra a população transgênera, pergunto: deveria uma professora/um professor simplesmente se calar, fingir que não ouviu, não promover uma reflexão sobre o dito?

Àquelas/es partidárias/os do movimento *Escola sem Partido*, tal como mostra a *Imagem1*, a resposta a todas as perguntas seria

“sim”. Na realidade, nem contexto para que as perguntas fossem postas haveria, pois a organização defende que se coíbam, em sala de aula, abordagens que “problematizem as concepções políticas, socioculturais e econômicas hegemônicas, especialmente as relativas às questões de gênero, orientação sexual e modelos familiares, bem como de perspectivas críticas ao capitalismo e à educação conservadora”, Algebaile (2017, p.67). Os partidários deste movimento político-ideológico conservador querem estabelecer o que Freire criticou e denominou como educação bancária. Talvez, por isso, tenham tanto medo de suas ideias.

Ao tentarem negar a condição dialética do “*aprenderensinar*”, no seu projeto de transformar os professores em instrutores de conhecimentos e os estudantes em tábula rasa, o *Escola sem Partido* quer destituir da escola a educação, e, com ela, a prática da participação indagadora e crítica, da liberdade, da humanização, da democracia. No seu projeto inscrevem-se os ditames de uma escola que não promove a emancipação, mas a exclusão. Que não promove, através do fazer educativo, a vocação humana de Ser-Mais, mas a distorção de Ser-Menos.

Por isso, nestes momentos de obscurantismo, em que se nega a democracia e se promove a intolerância, em que a opressão ganha contornos diversos na forma da homofobia, da transfobia, da segregação, da censura, do racismo, do discurso de ódio ao “outro”, é preciso que nós educadoras e educadores sejamos. Que, antes de tudo, como nos disse Paulo Freire, exercitemos a rebeldia.

Referências

ALGEBAIL, Eveline. *Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve*. In. FRIGOTTO, Gaudêncio (org). *Escola “Sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.
BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2011, vol.19, n.2, pp.549-559.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf> <
Acesso em 27 out.2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro. Terra e Paz, 1987.

_____. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

Sobre a autora:

Mestranda em Educação – Processos Formativos e Desigualdade Sociais, na UERJ-FFP; especialista em Educação Básica pelo Programa Residência Docente do Colégio Pedro II, graduada em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de Sociologia na SEEDUC.

Imagens disponíveis em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigoconstantino/resenhas/professor-nao-e-educador-a-pedagogia-moderna-usurpou-funcao-que-pertence-a-familia/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/politica/1513100523_574620.html



Imagem1